

Título: Adorno e o novo milênio: notas sobre a indústria cultural e capitalismo de plataforma

Bruna Della Torre<sup>1</sup>

Resumo: Uma das maneiras de se ler o conceito de “indústria cultural” formulado na década de 1940 por Adorno e Horkheimer é entendê-lo como um sistema social composto a partir da fusão entre economia, cultura e tecnologia. Lido dessa forma, o conceito pode ser utilizado para compreender a nova fisionomia do “capitalismo de plataforma” contemporâneo, tendo em vista a fusão entre tempo livre e tempo de trabalho promovida pelas novas tecnologias digitais e pelas tendências de “uberização” do trabalho. Trata-se de sugerir uma leitura alargada do conceito de indústria cultural desenvolvido por Adorno, com o fito de introduzir a bibliografia atual referente ao chamado “capitalismo de plataforma” (Trebor Scholz, Nick Srnicek e Sandro Mezzadra) e de discutir como uma fusão entre a teoria crítica e a sociologia do trabalho pode auxiliar a compreensão da nova configuração do capitalismo.

Palavras-chave: indústria cultural, Theodor W. Adorno, capitalismo de plataforma, tempo livre, subjetividade.

Title: Adorno and the new millennium: notes on the culture industry and platform capitalism

Abstract: One possible way to read the concept of "culture industry" formulated in the 1940s by Adorno and Horkheimer is to understand it as a social system composed of the blend of economy, culture and technology. In this sense, the concept can be used to understand the new physiognomy of contemporary "platform capitalism", regarding the synthesis of free time and work time promoted by new digital technologies and the "uberization" tendencies of work. The article suggests a broad reading of the concept of culture industry developed by Adorno in order to present briefly the current bibliography referring to the so-called "platform capitalism" (Trebor Scholz, Nick Srnicek and Sandro Mezzadra); and to discuss how the amalgam between critical theory and the sociology of labor can guide the understanding of this new configuration of capitalism.

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo.

A fisionomia do capitalismo contemporâneo é multifacetada. A própria economia digital pode ser analisada sob o ponto de vista: do trabalho (flexibilização, subemprego, resistência); da ideologia (“ideologia californiana”); do ponto de vista corporativo (estudos sobre a Apple e a Uber), entre outros. A bibliografia referente a este tema apresenta uma série de desdobramentos ligados aos potenciais de transformação da tecnologia na direção da democratização, do trabalho criativo e coletivo; às novas formas de subjetividade; aos críticos da subsunção da cultura à tecnologia e sua transformação numa forma de controle; àqueles que buscam uma análise mais “objetiva” da tecnologia, explorando suas ambiguidades como *fait social* (Cf. Miller, 2008; Bickerton, 2015; Cheney-Lippold, 2017). A discussão proposta nesse artigo visa unir essas perspectivas variadas numa fisionomia que permita entender a relação entre esses elementos: a união entre tempo livre e trabalho sob a mediação inflacionada da tecnologia, a mescla entre economia, política e cultura.

A discussão proposta nesse artigo é de natureza teórica. A ideia inicial é auxiliar na introdução da discussão do capitalismo de plataforma na sociologia brasileira, uma vez que essa discussão tem ganhado cada vez mais importância em escala internacional e contribuir para a reflexão sobre um tema que ainda é novo, pois o *boom* das plataformas digitais tem ocorrido de 2008 para cá. Essa discussão tem ainda um eixo interdisciplinar que se alimenta tanto da sociologia do trabalho, quanto da sociologia da cultura e pretende colaborar reunindo a discussão do capitalismo de plataforma e da flexibilização do trabalho por ele promovida com os desdobramentos culturais e subjetivos presentes na indiferenciação entre tempo livre e tempo de trabalho, cultura e economia que está em jogo nessa nova configuração.

Existem vários tipos de abordagem no que concerne as pesquisas que analisam as presentes transformações do capitalismo<sup>2</sup>. Esse artigo destaca três, que servirão de base

---

<sup>2</sup> Vale ressaltar um importante aspecto desse debate, que se enquadra no âmbito da discussão sobre o controle social. Desde a liberação de arquivos de espionagem da CIA em 2006 por Julian Assange, o debate relativo à relação entre tecnologia e privacidade cresceu enormemente. Fomentado igualmente pelo *whistleblower* Edward Snowden, a discussão sobre capitalismo digital e sua relação com o Estado ganha cada vez mais terreno dentro e fora da academia (Cf. Garrido, 2015). O site *The Intercept* fundado por Glenn Greenwald, Jeremy Scahill e Laura Poitras tem cumprido um importante papel nesse sentido. No âmbito acadêmico, a bibliografia é imensa e gira em torno de questões como resistência digital (cf. Coleman, 2004; King, 2015) e vigilância (Cf. Bruno, 2013; Ouellet, 2010; Larsson, 2016). Normalmente,

para sua análise: a primeira delas refere-se à discussão da “indústria cultural” desenvolvida por Adorno e Horkheimer no final dos anos de 1940 e por Adorno ao longo das duas décadas seguintes; a segunda trata do chamado “capitalismo de plataforma” (cf. Srnicek, 2017; Scholz, 2017) e da flexibilização e aumento da exploração do trabalho promovida por ele (Mezzadra, 2013; Standing, 2011; Aronowitz, 2014; Braga e Antunes, 2009; Rosso, 2017). A terceira refere-se aos desdobramentos, por assim dizer, culturais como, por exemplo, a estetização do capitalismo (Lipovetsky e Serroy, 2015) e subjetivos, como a ansiedade, o cansaço e as transformações da percepção (Han, 2015; Wajcman, 2015; Türcke, 2010) desse capitalismo digital.

### **1. Nota sobre o conceito de indústria cultural**

Dos inúmeros mal-entendidos causados pelo conceito de “indústria cultural” formulado por Adorno e Horkheimer em 1947, o maior deles é talvez a interpretação predicativa do conceito, isto é, sua utilização como uma espécie de adjetivo dos bens culturais. Assim, nos últimos 60 anos, a crítica mobilizou o conceito para se perguntar se determinadas obras são ou não são “indústria cultural”. No entanto, logo no início do excerto “A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas” da *Dialética do Esclarecimento*, os autores advertem: “O cinema, o rádio e as revistas constituem *um sistema*” (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 99; grifos nossos). Esse sistema não é qualquer sistema, ele está ligado ao desenvolvimento do capitalismo nos países avançados: “não é à toa que o sistema da indústria cultural provém dos países industriais liberais, e é neles que triunfam todos os seus meios característicos, sobretudo o cinema, o rádio, o jazz e as revistas. É bem verdade que seu projeto teve origem nas leis universais do capital” (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 109).

Essa caracterização envolve uma dimensão da indústria cultural – sua dimensão fundamental – que seria explorada futuramente em outros textos de Adorno: ela é um sistema, compõe um todo e só assim pode ser compreendida. Trata-se de uma

---

trata-se de uma discussão da emergência da tecnologia tendo em vista questões de privacidade e violência estatal que desconsidera, em sua maioria, o elemento econômico do fenômeno.

configuração da cultura, que não pode, por isso, ser medida ou analisada isoladamente através da análise de produtos culturais específicos.<sup>3</sup>

Num debate com Hellmut Becker a respeito da televisão, Adorno defende justamente a tese de que a análise de um meio de comunicação ou de um programa específico de televisão seria insuficiente se queremos entender o funcionamento da indústria cultural:

Gostaria de chamar a atenção para que não se veja isoladamente a televisão, que constitui somente um momento no sistema conjunto da cultura de massa dirigida contemporânea orientada numa perspectiva industrial, a que as pessoas são permanentemente submetidas em qualquer revista, em qualquer banca de jornal, em incontáveis situações da vida, de modo que a modelagem conjunta da consciência e do inconsciente só pode ocorrer por intermédio da totalidade desses veículos de comunicação de massa.(Adorno, 1955, p. 88).

Nos anos de 1930, quando Adorno inicia sua investigação sobre o cinema e o jazz, no famoso debate que travou com Walter Benjamin, estava em jogo precisamente a transformação da percepção do mundo produzida por essas novas formas. Percepção essa cujas principais consequências só poderiam ser plenamente sentidas de maneira geracional. Se, para aqueles que viram os primeiros filmes mudos, o advento do cinema havia sido uma espécie de choque, para aqueles que frequentaram as salas de cinema desde muito jovens, a velocidade e a linguagem imagética do filme impunham seu modelo às outras artes e à relação com a vida como um todo<sup>4</sup>. O mesmo se passou na década de 1940, quando Adorno participou do projeto sobre o rádio. Um dos seus objetivos foi mostrar que mesmo a música clássica (vale lembrar que Adorno foi contratado como um especialista nessa área) muda de sentido e de função quando veiculada pelo rádio.

O diagnóstico da indústria cultural é abrangente e não se trata de esmiúça-lo aqui. É seguro afirmar, num âmbito mais geral, que ele é uma teoria da dominação. Destaca-

---

<sup>3</sup> Excelentes intérpretes de Adorno, como Deborah Cook e Fredric Jameson, ao privilegiarem, na leitura do conceito de indústria cultural, os temas da reificação e da padronização perdem de vista os efeitos da indústria cultural como sistema. Sendo assim, Cook insiste que a falta da análise, em Adorno, de bens culturais específicos torna a sua tese generalizante e Jameson insiste na ideia de que existiria um horizonte utópico mesmo nas obras “mais reificadas” da indústria cultural. Cf. Cook, 2007; Jameson, 1979. No entanto, conforme ressalta Leo Maar, “na formação social atual, não são conteúdos ideológicos determinados que importam à reprodução do vigente, mas a oferta de construções que, como efetivas experiências substitutivas, preenchem os espaços expropriados das experiências autênticas, vivas, da realidade social e de suas contradições” (Maar, 2002, p.3).

<sup>4</sup> Benjamin lança as bases da teoria da “indústria cultural”, a despeito de seu entusiasmo pelo cinema. É dele a teoria de que o cinema impõe uma nova forma de percepção distraída do mundo (vale mencionar aqui as análises contemporâneas dos transtornos de atenção ligados à tecnologia). Como Adorno, em diversos textos como em “O narrador: considerações sobre Nikolai Leskov” e em “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” ele destaca o caráter difuso e paulatino dessas mudanças que se dão durante séculos, desde a invenção da prensa até os tempos atuais (Cf. Benjamin, 1994; 2003).

se, no entanto, um aspecto importante do conceito. Ele se constitui da análise de fenômenos que são ao mesmo tempo subjetivos e objetivos. Ou ainda, ele busca iluminar os aspectos objetivos e subjetivos de um determinado fenômeno (Cf. Maar, 2002). Assim, não se trata de pensarmos apenas os “produtos” da indústria cultural, mas o que se transforma – com o advento da indústria cultural – na nossa relação com a cultura. Uma análise dessa natureza, se alimenta, mas não se reduz à verificação empírica e à confirmação factual. Ela relação é de certa forma intuída, interpretada e analisada sob variado aspecto.

Uma de suas teses centrais é a de que “a diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado, para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo” (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 113). Do lado objetivo, ela é então um desdobramento, uma continuação e não o oposto ou o reflexo do mundo do trabalho. Do lado subjetivo, trata-se de um desdobramento do fetichismo da mercadoria: “sob o monopólio privado da cultura a ‘tirania deixa o corpo livre e vai direto à alma’” (Adorno e Horkheimer, 1985, p.110).

Afirmar, portanto, que a indústria cultural é um sistema é muito mais do que somar o rádio e as revistas. Como ressalta Adorno no trecho supracitado, trata-se de “incontáveis situações da vida”, de uma modelagem da consciência e do inconsciente. Afirmar que a indústria cultural é um sistema ou, se quisermos, uma totalidade, é compreender que ela abrange o trabalho e a diversão, a cultura objetiva e a personalidade subjetiva. Concebido dessa forma, o conceito de indústria cultural serve para pensar a configuração atual do capitalismo também em suas consequências objetivas e subjetivas: a plataforma.

## **2. Capitalismo de plataforma, flexibilização e exploração do trabalho**

Refletir sobre o capitalismo digital é uma proposta ampla. Normalmente, as pesquisas que se detêm sobre esse objeto focam sua análise no exame do funcionamento das empresas de tecnologia como, por exemplo, a Apple ou a Google. Quando olhamos, no entanto, para o setor de tecnologia, apesar da sua enorme lucratividade, veremos que além de essas empresas serem pequenas em termos de número de funcionários, a noção de capitalismo digital as ultrapassa. Investigar o trabalho a partir dessa experiência, como as etnografias do processo criativo de trabalho da Google, não permite perscrutar as consequências mais amplas do fenômeno da plataforma. Nesse sentido, conforme ressalta Nick Srnicek, é preciso entender a economia digital como algo que vai além do setor de

tecnologia, pois “a economia digital diz respeito aos negócios que dependem mais e mais da tecnologia da informação, de dados e da internet para seus modelos de negócio” (Srnicek, 2017, p. 4). Isso significa que a lógica digital atravessa múltiplos setores, tais quais a manufatura, os serviços, os transportes, as telecomunicações, etc. As plataformas são muitos mais, nesta chave, do que empresas de tecnologia, porque podem operar em qualquer setor – basta observar, por exemplo, como o funcionamento do mercado de táxis se modificou após o advento da Uber.

Seguindo essa perspectiva, é seguro constatar que a tecnologia digital tem se tornado tão importante quanto as finanças, no sentido de que seu colapso seria uma catástrofe tão grande para a economia quanto uma crise do sistema financeiro. A tecnologia digital é parte fundamental da infraestrutura do capitalismo que vivemos hoje.<sup>5</sup> Isto é, ela tem se tornado um modelo hegemônico e uma espécie de ideal que representa o capitalismo atual<sup>6</sup>. A plataforma como modelo de negócio penetra amplos setores da economia: Google, Facebook, (empresas de tecnologia); Airbnb e Uber (*Startups*); Siemens e GE (líderes industriais); Monsanto e John Deere (agronegócio); entre muitas outras, como a Amazon, que conjuga vários setores. A plataforma como um novo modelo de negócio, que extrai e controla uma enorme quantidade de dados, é o resultado de três momentos que formam as bases da nova conjuntura (Cf. Srnicek, 2017). Descrevo-os brevemente a seguir.

Em primeiro lugar, ela é uma resposta à baixa dos anos 1970: a queda da lucratividade no setor industrial fez com que o capitalismo recorresse aos “dados” para recuperar a vitalidade e o crescimento no lento setor produtivo. Esse período é marcado por uma sofisticação na cadeia de produção e por desenvolvimento de softwares que visavam uma mudança da produção em massa, de bens homogêneos para produtos

---

<sup>5</sup> No âmbito cultural, é suficiente notar o *boom* de utopias e distopias dessa realidade como, por exemplo, a série *Mr. Robot*, que tematiza o fim do capitalismo a partir do *hacking* e o romance *O Círculo*, de Dave Eggers, que tematiza a distopia do capitalismo digital, mas, mais do que isso, do capitalismo digital monopolista.

<sup>6</sup> O trabalho de Richard Barbrook e Andy Cameron, no âmbito dos estudos sobre mídias, propôs uma análise da chamada “*Californian ideology*” (ideologia californiana) que estudava como as empresas do Vale do Silício promoviam uma revolução tecnológica que misturava uma série de elementos neoliberais com ideias da *New Left* norte-americana (Barbrook e Anderson, 1996). O principal lema da empresa Apple, “*think different*” (“pense diferente”), representaria, nesse sentido, a junção da inovação tecnológica com o caráter “alternativo” herdado dessa esquerda.

customizados e sob encomenda<sup>7</sup>. Aliadas à reestruturação produtiva que visava responder às crises dos anos de 1970, surgiram a partir de então as medidas neoliberais que investiam contra o poder do trabalho (sindicatos, direitos trabalhistas e etc.). Nesse período, marcado pelo início de uma competição globalizada da classe trabalhadora, também germinava a tendência de flexibilização do trabalho, de diminuição das remunerações e de tornar a classe trabalhadora mais suscetível às pressões da gerência<sup>8</sup>.

Em segundo lugar, a plataforma é também um produto da bolha “*dot com*” vivenciada nos anos de 1990. Essa década foi marcada pela comercialização da internet, que antes tinha usos militares e não comerciais. Nesse período, instalou-se a infraestrutura que formaria as bases do capitalismo digital. As empresas passaram a gastar quantias imensas de dinheiro para modernizar sua infraestrutura computacional. Nos Estados Unidos, formaram-se 50.000 empresas para comercializar a internet com 256 bilhões de dólares de investimento. Entre 1995 e 2000, o nível de investimento no setor de tecnologia da informação foi o maior já observado até hoje. Só no ano 2000, foram investidos quase 413 bilhões de dólares. Grandes transformações surgiram daí. A empresa *Nike* foi um emblema do *boom dot com*, na medida em que a sua marca e o design eram desenvolvidos em economia de alta renda e a fabricação e montagem de seus produtos eram levados a cabo por economias periféricas.

Com a diminuição da lucratividade que permaneceu nos anos de 1990, uma das políticas do Banco Central norte-americano foi estimular o mercado financeiro e fomentar a formação de bolhas. Por isso, o terceiro momento que lança as bases do capitalismo de plataforma é a crise de 2008<sup>9</sup>. O resgate dos bancos pelo governo norte-americano consistiu na transformação de um enorme montante de dívidas privadas numa imensa dívida pública. Além do surgimento das políticas austericidas (Braga, 2017), a política monetária foi utilizada como instrumento de controle da crise, primeiramente nos Estados Unidos, seguidamente na Europa e no resto do mundo. Essa política monetária visava,

---

<sup>7</sup> De acordo com Srnicek, essa mudança é impulsionada pelo aumento da competitividade imposta pelas indústrias alemã e japonesa à indústria norte-americana e pela entrada de novos agentes no mercado, tais como Coreia, Taiwan, Cingapura e China. Essa mudança é discutida também por David Harvey em seu livro sobre o neoliberalismo (Cf. Harvey, 2014).

<sup>8</sup> Esse fenômeno, no entanto, não se reduz à aniquilação da classe trabalhadora. Conforme demonstra a socióloga Beverly Silver, o deslocamento geográfico da produção, por exemplo, tendeu a fortalecer a classe trabalhadora nos novos locais de investimento industrial (Cf. Silver, 2005.)

<sup>9</sup> As chamadas plataformas *lean*, isto é, cujos ativos mais importantes são os softwares que recolhem e analisam dados (ou seja, são empresas “enxutas” de meios de produção), como a Uber e o Airbnb, surgiram apenas após a crise de 2008.

entre outros, produzir um equilíbrio de portfólio dos investimentos. Por meio de diversas técnicas, como a de *quantitative easing*<sup>10</sup>, por exemplo, o governo deslocou parte do investimento para empresas de tecnologia - setor esse que tem sofrido uma expansão enorme na última década.

Nesse sentido, no século XXI, o capitalismo avançado centrou-se na extração e uso de um determinado tipo de matéria-prima: dados.<sup>11</sup> A evolução das comunicações digitais, permitida pela conjuntura acima descrita, tornou os dados acessíveis e baratos e estes tornaram-se extremamente relevantes quando a internet se generalizou e as empresas passaram a depender dela. Mas os dados em si, nada garantem: “como o petróleo, dados são matéria-prima para ser extraída, refinada e usada de diversas maneiras. Quanto mais dados disponíveis, mais usos poderão ser feitos deles” (Srniczek, 2017, p.40). O antigo modelo de negócio – da fábrica que produz um bem e vende no mercado, sem saber muito sobre o perfil de seus clientes e o uso que fazem de seu produto é suplantado pela plataforma que recolhe e analisa os dados de seus clientes e potenciais clientes.

Essas plataformas são infraestruturas digitais que permitem a interação entre ofertantes de certo serviço e seus respectivos consumidores. Além disso, elas têm a vantagem de serem empresas que não necessitam de uma construção desde baixo, por assim dizer<sup>12</sup>. O maior exemplo disso é a Uber, que permite trocar transporte por dinheiro. O Uber é a plataforma que assume a forma de um “mercado”, na medida em que organiza a oferta de motoristas e a demanda de passageiros. A diferença dela para o mercado é que ela dita sozinha as regras do jogo desse “mercado de transportes” que ela cria<sup>13</sup>.

---

<sup>10</sup> O *quantitative easing* funciona, em termos resumidos, da seguinte maneira: o Banco Central emite dinheiro para comprar diversos ativos (hipotecas, ativos do governo, títulos corporativos, etc.). Ou seja, o Banco Central compra o que ele não quer que tenha investimento. Ele faz isso através da diminuição de oferta de determinados ativos. O objetivo é o de redirecionar o investimento privado para outros setores, às vezes de maior risco.

<sup>11</sup> Isso não significa, como desenvolve, por exemplo, parte da tradição do *operaismo* italiano, como Antonio Negri, ou parte da tradição francesa que segue o pensamento de André Gorz, que a extração de dados consista num modelo de trabalho imaterial. Os dados referem-se a informações, dos mais variados tipos, de “algo que aconteceu”. Segundo o argumento de Srniczek, eles se diferenciam de uma ideia de conhecimento, isto é, do “porque algo aconteceu”. Logo, trata-se de operações concretas.

<sup>12</sup> No Brasil, o livro dos sociólogos do trabalho Ruy Braga e Ricardo Antunes demonstra como o uso da tecnologia também serve ao aumento da exploração do trabalho e alienação, constituindo o tipo dos “infoproletários”. (cf. Braga e Antunes, 2009).

<sup>13</sup> A Uber é um dos exemplos mais conhecidos e interessantes da plataforma. Tornada possível pela invenção dos aplicativos de celular, hipermoderna, ela atua no aumento da exploração do trabalho que tem atingido níveis similares aos do século XIX. Em sua análise está um jogo dialético muito profícuo entre modernização e regressão, muito similar àqueles discutidos pela teoria crítica. A Uber flexibiliza o trabalho

Ademais, o modelo de plataforma tende à formação de monopólios<sup>14</sup> e promove a flexibilização e precarização do trabalho. Isso significa, portanto, que esse “mercado” construído pelas plataformas não se assemelha ao mercado “ideal” pensado pelo liberalismo e descrito por Marx no primeiro capítulo de *O Capital* – um mercado para o qual os produtores independentes de mercadoria se encaminham para trocar seus produtos. Ao contrário, a lógica da plataforma é *low-tech* e muito anterior à revolução digital. Ela opera pelo mesmo princípio dos caminhões que, nas áreas rurais, passavam numa determinada área para contratar camponeses para trabalhar uma jornada ou cumprir uma meta. Algo parecido com a situação dos boias-frias que perdurou (e ainda perdura) tanto tempo no Brasil. A economia *gig* move esse lugar onde os trabalhadores esperam para o meio virtual, e a sua vantagem é que ele passa a fazer isso nos meios urbanos, onde há um contingente muito maior de trabalhadores para explorar<sup>15</sup>. Para designar esse novo modelo de exploração de trabalho, via digital, Trebor Scholz recorre à ideia de “espoliação da multidão”, cujo objeto é uma massa global de trabalhadores disponíveis em tempo real. Isso é, a plataforma é um novo meio de extração de mais-valia<sup>16</sup>.

---

ao tornar qualquer um com um carro relativamente novo e uma carteira de motorista regularizada um trabalhador seu em potencial e promove a precarização do trabalho ao, dentre outros, transferir a responsabilidade dos meios de produção (carro) para o trabalhador – o principal meio de produção da Uber é, nesse sentido, um software. No entanto, ela aparece como o suprasumo das novas tecnologias e é preferida, por exemplo, pelos jovens pela sua praticidade e novidade em relação ao táxi, assim como por seu preço mais baixo. A Uber, assim que surgiu, era pensada como uma solução “alternativa” de transporte, tendo sido comemorada por uma parcela da *New Left* verde e “descolada”. Cf. Scholz, 2017.

<sup>14</sup> A plataforma, de acordo com Srnicek, tem uma tendência “natural” à monopolização, na medida em que obter vantagens no âmbito da coleção de dados significa que quanto mais atividades uma empresa consegue acessar, mais dados ela consegue extrair e quanto mais valor ela extrair desses dados, mais acesso a atividades ela consegue ganhar. Ou seja, a lógica da plataforma é uma lógica de retroalimentação. A construção, por exemplo, de softwares específicos para determinados androids leva as pessoas a adquirir esses androids. Ou, no caso das redes sociais: tem sucesso a rede social que for capaz de reunir o maior número de pessoas (ninguém quer fazer parte de uma rede social que ninguém tem acesso). Cf. Srnicek, 2017.

<sup>15</sup> Além do Uber e suas enormes variações que passam pelo *UberEats*, pelo *UberCOPTER* e chegam até o cúmulo do *Uber Christmas Tree* nos Estados Unidos, operam dessa maneira empresas como a *Amazon*, *Task Rabbit*, e inúmeras outras plataformas que disponibilizam o serviço de trabalhadores de limpeza, passeadores de cachorro, professores, entre outros.

<sup>16</sup> A noção de “extração” de Sandro Mezzadra pode ser mobilizada aqui para compreender um dos aspectos desse processo. “Extração” diz respeito a uma discussão mais ampla, e que não é nova, de remoção de matérias-primas e formas de vida de seus respectivos lugares com o fito de convertê-los em valores. Esse processo passa a ocorrer em maior escala, impulsionado pelo neoliberalismo e pelas novas tecnologias. O “*land grabbing*”, sequestro de terras férteis ou florestas pelo agronegócio ou para atividades de mineração, é uma das faces do processo de “extração”, mas outros processos de valorização capitalista como a gentrificação de espaços urbanos ou dispersão forçada de populações também podem ser criticamente analisadas como formas de extração. Mezzadra pensa a situação dos refugiados na Europa a partir dessa ideia (Mezzadra, 2013). No caso brasileiro, por exemplo, o desmanche dos direitos do trabalho e o deslocamento de parte da classe trabalhadora para a informalidade podem ser pensados a partir da noção de “extração”. Em chave similar, Saskia Sassen discute a crise como uma lógica sistêmica do capitalismo

Valeria mencionar ainda a relação que essa discussão estabelece com o conceito de “precariado”, popularizada pelos trabalhos do sociólogo francês Robert Castel e pelo britânico Guy Standing. De acordo com Standing, o surgimento de um mercado global e o advento do neoliberalismo teriam produzido uma retração do proletariado tal como ele se apresentava nos países centrais, principalmente nos anos de vigência do pacto fordista-keynesiano do Estado de Bem-estar, isto é, assalariado, sindicalizado, com segurança do trabalho, direitos trabalhistas, etc. Essa retração produziria uma nova classe social que ele chama de “precariado”. Esse setor da população receberia a alcunha de classe justamente porque seria mais do que uma condição social, isto é, essa nomenclatura tem a ver com as transformações sofridas pelo mundo do trabalho. O precariado destaca-se pela ausência de segurança no trabalho, pela informalização, pela instabilidade e fragilidade do trabalho, pelos regimes de tempo parcial, pelo falso auto-emprego (como o Uber, por exemplo), pelo trabalho flexível, entre outras características <sup>17</sup>.

Standing afirma que essa classe é composta por filhos/herdeiros de uma classe trabalhadora tradicional que perde seus direitos, por migrantes e minorias (basta ver, no caso brasileiro, quem são os trabalhadores da indústria têxtil e do telemarketing – cf. Braga e Antunes, 2009) e por uma parcela da população instruída e qualificada, mas sem perspectivas de futuro.

O precariado se diferencia da velha classe trabalhadora tradicional em vários aspectos. Em primeiro lugar, o precariado acaba sendo tão explorado fora do horário e local de trabalho, quanto durante o mesmo (para o que o mundo digital colabora intensamente). Ademais, o precariado vive uma “vida de instabilidade”, pois, de acordo com Standing, além da ausência de segurança no trabalho, vive a incerteza crônica de saber quando e qual será o próximo emprego. Além disso, com o surgimento das várias

---

atual e o surgimento de novas lógicas de “expulsão” que vão desde o deslocamento de populações inteiras de refugiados, passando pelo aumento de populações miseráveis, pelo aprisionamento em massa da população negra (no norte e sul globais) até o aumento da população que vive em guetos e favelas (Sassen, 2016). Um dos eixos desse projeto é discutir a relação entre as novas tecnologias e o aumento da exploração do trabalho a elas relacionado. Sendo assim, as noções de “extração” e de “expulsão” buscam dar conta de fenômenos semelhantes e serão essenciais para o projeto proposto.

<sup>17</sup> Por consequência do que Standing chama de mercado global, surge um correspondente mercado de trabalho global, isto é, um mercado de trabalho que não mais se detém completamente em fronteiras nacionais. Isso significa que um trabalhador da indústria automobilística nos EUA não compete mais apenas com seus conterrâneos, mas com os trabalhadores chineses e brasileiros. Esse processo, somado ao desmonte do Estado de Bem-Estar Social pelo novo regime de acumulação e organização da vida neoliberal, produz a retração da classe trabalhadora tradicional dos países centrais. O dismantelamento da ordem social competitiva (vale lembrar que o neoliberalismo é marcado pelos monopólios) dela decorrente produziu uma mobilidade social para baixo. Cf. Standing, 2011.

formas de flexibilização do trabalho, o precariado tem muito menos acesso a direitos do que a classe trabalhadora tradicional.

Sob perspectivas teóricas diversas, existe atualmente um diagnóstico que se torna mais e mais conhecido de que um processo de precarização estrutural do trabalho em escala global está em curso. Ou seja, estaria em jogo uma espécie de periferização do centro do capitalismo, pois, na periferia desse sistema, a precariedade sempre foi mais a regra do que a exceção. Eis porque sociólogos como Ruy Braga e Ricardo Antunes defendem desde os anos de 1990 que apenas na Europa e nos Estados Unidos poderiam ter surgido diagnósticos que apontavam para a superação ou o fim do trabalho. Isto é, trata-se de não confundir o fim do trabalho com o fim do modelo de sociedade industrial presente nos países centrais. O advento do chamado info-proletariado e das tecnologias da informação fortaleceriam a lei do valor, tal como pensara Marx. Por isso, pode-se incluir a plataforma (e seus desdobramentos subjetivos, conforme veremos) nessa discussão, tendo em vista que, conforme chama a atenção Srnicek, “um instrumento de sobrevivência está sendo vendido pelo vale do silício como um instrumento de libertação” (Srnicek, 2017, p.78).

Os veículos dessa exploração são nossos celulares, computadores, tablets. Tecnologias que servem de meio ao trabalho e ao entretenimento. Quais são, então, as consequências desse arranjo?

### **3. Cultura, subjetividade e tecnologia**

Nos anos 1970 em diante, surgiu uma série de teorias que buscavam entender as mutações na esfera da cultura, da tecnologia e do próprio capitalismo. Guy Debord discutia o espetáculo, o predomínio das imagens, a propaganda e, influenciado por Marx, pensava o fenômeno do fetichismo da mercadoria no âmbito da cultura (cf. Debord, 1997). Jean Baudrillard estudou o impacto da mídia e da tecnologia na percepção e sua noção de “simulacro” visava compreender como a vida contemporânea, mediada por todo esse aparato, aparecia como um real sem origem ou realidade, ou ainda, uma hiper-realidade (cf. Baudrillard, 1981). O crítico Fredric Jameson, partindo de reflexões sobre arquitetura, definia o capitalismo tardio a partir da ideia de que ele seria marcado por uma dominante cultural específica, que ele nomeara “Pós-modernismo” (cf. Jameson, 2004). Essa lógica seria marcada pela falta de profundidade e pela cultura da imagem e do simulacro. A “sociedade do espetáculo”, a “sociedade de consumo” e a “sociedade pós-

moderna” eram definições que buscavam dar conta da explosão da esfera cultural que, de acordo com esses três autores, era algo mais que o mero produto da disseminação da chamada cultura de massas, pois estaria ligada ao próprio modo de funcionamento do capitalismo. Atualmente, em chave menos crítica, Gilles Lipovetsky e Jean Serroy, por exemplo, destacam a “inflação estética” do neoliberalismo, no qual a arte tornou-se um instrumento de legitimação das marcas e das empresas do capitalismo (Lipovetsky e Serroy, 2015, p. 29). Os autores ressaltam que o *boom* da internet e das novas tecnologias acentuou as tendências apontadas nos anos de 1970 e 1980:

A sociedade do hiperespetáculo designa, por sua vez, a sociedade da tela generalizada, em que um número crescente de redes, de canais, de plataformas se faz acompanhar por uma profusão de imagens (informações, filmes, séries, publicidade, variedades, vídeos...) que podem ser vistas em diferentes telas de todas as dimensões, em qualquer lugar e a qualquer momento. (Lipovetsky e Serroy, 2015, p.265).

Verifica-se atualmente aquilo que se anunciava nos anos 1980, ou seja, uma fusão entre a esfera da cultura e a esfera da economia. Não se trata apenas da predominância da lógica cultural, mas da mescla indistinguível entre esses dois elementos. Conforme discutiu Christoph Türcke,

Tão certo se deve ter um conceito de capitalismo para conceituar suas mudanças, tampouco sua estetização espetacular é apenas uma nova roupagem que se precisa tirar para “desmascará-lo” como velho conhecido. Essa estetização aderiu ao capitalismo, é a sua pele, e não seu desenvoltório. (Türcke, 2010, p.11)

Por isso, o que interessa aqui é destacar que essa configuração cultural do capitalismo tem um impacto imediato sobre o trabalho e sobre as subjetividades constituídas a partir das novas formas de socialização dele derivadas.

Essa ideia, aliás, já estava anunciada no conceito de “indústria cultural”, compreendido não como a reificação dos produtos culturais, mas como um sistema de socialização no capitalismo tardio, desenvolvido pelo crítico Theodor W. Adorno. Em seu pequeno ensaio sobre “O tempo livre”, que pode ser mobilizado para investigar o fenômeno, Adorno defendia uma espécie de continuidade entre o trabalho e o lazer. A tese de Adorno, em resumo, era a de que a “indústria cultural” era um sistema, mediado pela tecnologia, que acompanhava o indivíduo desde a hora que ele acordava e ouvia o rádio a caminho do trabalho até a hora de deitar quando o indivíduo assista a televisão e, no fim de semana, desenvolvia *hobbies* para se divertir (cf. Adorno, 2002).

Uma vez que Adorno não enxerga a cultura como “superestrutura”, sua teoria do tempo livre busca argumentar como esse tempo, que pode ser encarado como o tempo do

lazer, da fruição, da cultura compreendida num sentido mais geral, é tão determinado pelo “fetichismo da mercadoria” quanto o mundo do trabalho. Não se trata de demonstrar, portanto, como a alienação oriunda do mundo do trabalho atingiria posteriormente o mundo do lazer, da diversão, da cultura, mas como o fetichismo da mercadoria determina a vida social no capitalismo tardio como um todo, de modo que as atividades realizadas no período de tempo em que se passa fora do trabalho – *hobbies*, cinema, televisão, artesanato amador em geral, trabalhos domésticos, esportes e, hoje, poderíamos acrescentar, os sites de variedades da internet e as redes sociais – podem ser consideradas por Adorno um “prolongamento do trabalho”, pois nelas estão inscritas o mesmo antagonismo social que determina o mundo do trabalho.

Quando se aceita como verdadeiro o pensamento de Marx, de que na sociedade burguesa a força de trabalho tornou-se mercadoria e, por isso, o trabalho foi coisificado, então a palavra *hobby* conduz ao paradoxo de que aquele estado, que se entende como o contrário da coisificação, como reserva de vida imediata em um sistema total completamente mediado, é, por sua vez, coisificado da mesma maneira que a rígida delimitação entre trabalho e tempo livre. Neste prolongam-se as formas de vida social organizada segundo o regime do lucro. (Adorno, 2002, p.106)

Adorno recusa, assim, a sociologia do trabalho ou a sociologia cultural que irá derivar de maneira imediata um comportamento de classe, por exemplo, das atividades laborais<sup>18</sup>. Não é o mundo do trabalho que “coloniza” o mundo do lazer. Ao contrário, existe uma oposição entre eles que na verdade se constitui como unidade da dominação. Essa unidade é um traço marcante do capitalismo atual, mais ainda do que no período de Adorno. Atualmente, como testemunhou a pesquisadora Judy Wajcman, “em todas as pesquisas que você conduz, particularmente em empregos gerenciais, mas entre todo mundo, as pessoas sentem que a vida é muito ocupada e acreditam completamente que parte da solução é usar mais o e-mail e ter mais “gadgets”, de forma a aproveitar o tempo livre” (Wajcman, 2015).

O argumento central desse pequeno texto de Adorno, na verdade uma comunicação transmitida pelo rádio, é de que o tempo livre, durante o qual se realizam atividades consideradas supérfluas é, de fato, tão organizado e planejado quanto o mundo do trabalho, servindo-lhe como componente fundamental. Nesse texto, fica claro como

---

<sup>18</sup> Isso não significa que Adorno despreze os estudos empíricos sobre o trabalho. Nos anos de 1950, por exemplo, Adorno realizou estudos sobre o *Betriebsklima*, o “clima na empresa” na região do vale do Ruhr. No entanto, Adorno não deixa de destacar que a coleção de fatos sobre a realidade não corresponde ao conhecimento dessa realidade. No caso específico da “indústria cultural”, trata-se de destacar que Adorno não deriva a reificação diretamente da atividade laboral, mas é mais focado no fenômeno do fetichismo da mercadoria, referente à (re)produção da sociedade como um todo. Cf. Adorno, 1955.

Adorno investe contra o capitalismo nos seus pontos mais altos, pois ele critica a administração do tempo livre num período de Estado de Bem-Estar Social e fordismo que permitiram a uma grande parcela da classe trabalhadora dos países centrais dispor, pela primeira e única vez durante o capitalismo, de um tempo livre advindo da diminuição da jornada de trabalho que, vale destacar, sempre foi uma das principais reivindicações da luta da classe trabalhadora. Contudo, o modo como Adorno demonstra que esse “tempo livre” é amplamente organizado pelos produtos comerciais que compõem suas possibilidades de ocupação, que não se traduz num incremento de atuação política da classe trabalhadora, comprova essa intenção de desmistificar o que é propagandeado como uma espécie de ganho do capitalismo tardio.

Adorno previa que a tecnologia iria aumentar esse tempo livre, mas não poderia prever que o fim do Estado de Bem-Estar e que o surgimento da tecnologia dos computadores portáteis, dos *smartphones* e da internet iriam borrar profundamente a aparente distância entre o tempo livre e o tempo do trabalho ao integrá-los através do modo como mantêm às pessoas à disposição do trabalho no período de lazer e leva o entretenimento para o momento de trabalho (com as *apps* de jogos, música, redes sociais e outras plataformas, por exemplo)<sup>19</sup>.

Até os anos de 1990 a tela significava “hora do descanso” (televisão, cinema), ainda que a lógica do lazer obedecesse à lógica do trabalho, conforme defendeu Adorno. De lá para cá, a tela não quer dizer mais apenas diversão, mas espalhou-se para o trabalho (computador, Uber, redes sociais, etc.), ou seja, “laptop e smartphone formam um campo de trabalho móvel” (Han, 2017, p.116). Essa onipresença das telas tem uma série de consequências. Ela promove, em primeiro lugar, uma “coerção generalizada da percepção” (Türcke, 2010, p.17). Vale lembrar que o sucesso das plataformas está ligado justamente a essa onipresença, englobando tanto a coleta ininterrupta de dados promovida pelo Facebook, pela Google, etc., quanto a Uber que depende, por exemplo, de que os usuários estejam sempre com seus respectivos celulares, que façam o *download* do aplicativo, etc.

O uso constante de aparelhos portáteis demanda um comportamento “multi-tarefa” que aumenta e traz novas cargas nervosas. Türcke descreve como o excesso de

---

<sup>19</sup> Embora o capitalismo de plataforma tenda ao monopólio e a um domínio totalitário da vida cotidiana, alguns autores pensam a plataforma como algo que contém um potencial emancipatório, na medida em que ela poderia converter-se em cooperativas (Taylor, 2014; Scholz, 2016). Essa discussão é bastante interessante, pois propõe uma ideia de “resistência” às formas atuais de dominação que não sustentam uma nostalgia do fordismo.

estímulos e a exigência de se estar conectado 24 horas por dia cria ansiedade e outros distúrbios, como a hiperatividade (Türcke, 2010). A explosão de estímulos gera uma espécie de *sensation seeking* que faz com que os indivíduos procurem sensações cada vez mais fortes e estimulantes, o que tem como contrapartida um adormecimento dos sentidos. Trata-se de toda uma cultura do déficit de atenção (Türcke, 2016, p.13). Nos estudos culturais, Byung-Chul Han desenvolve uma pesquisa que mostra como o excesso de estímulos, informações e impulsos impõe uma nova economia da atenção que produz uma “sociedade do cansaço”. A capacidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo, o *multi-tasking*, está ligado às imposições de desempenho e a proposta “ativa” da sociedade digital<sup>20</sup>. Ela produz um cansaço que é a fonte de “infartos psíquicos” (*burnouts*), depressões, etc. A chamada síndrome de *burnout*, desenvolve Han, é a consequência da autoexploração produzida pelas demandas de desempenho: “o *burnout* é o resultado da concorrência absoluta” (Han, 2017, p.100). E o meio para isso é a tecnologia digital que reforça esse comportamento e essas exigências.

Para citar um exemplo de como reunir essas perspectivas, valeria citar o Facebook, uma plataforma que, à princípio nada tem a ver com o trabalho, pois consiste numa rede social. Como se intercalam trabalho, tempo livre e economia no caso da plataforma Facebook, mais difícil de perscrutar do que numa empresa como a Uber, por exemplo?

No Facebook é possível criar páginas de empresas, movimentos sociais, grupos de amigos, etc. Nele, os indivíduos: recebem notícias; interagem com amigos e com a família, assim como colegas de trabalho; expõem um perfil que pode ser acessado tanto por um amigo quanto por um empregador em potencial; expõem sua rotina, gostos, preferências políticas, culinárias, sexuais; passam o tempo; procuram oportunidades de *networking* e de trabalho; se divertem com vídeos e “memes”. Nesse aspecto, tal plataforma já borra a distância entre trabalho e lazer, ao reunir ambos numa mesma rede social. Como destaca Srnicek (2017), a supressão da privacidade é o centro desse novo modelo de negócio.

---

<sup>20</sup> Türcke desenvolve o argumento de que, no mundo digital, ser alguém é ser percebido (*esse est percipere*). Nesse sentido, “o perfil individual obtido pelo cálculo de dados de consumo – que, por sinal, tanto mais fiel à realidade fica quanto menos a individualidade se diferencia de padrões de consumo – representa sem dúvida um caso limite. Deve-se temê-lo ou ansiar por ele? Por um lado, corresponde a uma invasão na vida privada, com meios que na polícia são chamados de rastreamento. Por outro, é sinal de atenção. Ter um perfil consumidor digno de nota significa *ser alguém*. Quem nem mesmo consegue fazer-se percebido para ter um tal perfil simplesmente não conta: não é *ninguém*”. (Türcke, 2010, p. 41).

O Facebook é uma plataforma alimentada pelos próprios usuários. A *Appstore* também poderia servir de exemplo, pois é alimentada por aplicativos de empresas diversas e também por seus usuários. O efeito objetivo é o de que a empresa só precisa criar a plataforma e as condições para que seus usuários a alimentem. Um efeito subjetivo relevante, para o tema proposto, é a de que os consumidores/usuários tem cada vez mais a impressão de que tem agência no processo de troca, e, assim, identificam-se facilmente com a empresa, afinal, ela foi construída à sua imagem e semelhança. Ou seja, as figuras do produtor e do consumidor (con)fundem-se na figura do “prosumidor”. Além disso, as fronteiras entre o lazer, o tempo livre e o trabalho também se tornam mais nebulosas. Esse caráter híbrido, no entanto, nota Han, faz com que o indivíduo use o seu tempo livre, por assim dizer, para manter a mesma postura ativa que deve adotar no trabalho, postando coisas interessantes, vendo e sendo visto, melhorando o seu perfil, etc.:

O imperativo da expansão, transformação e do reinventar-se da pessoa, cujo contraponto é a depressão, pressupõe uma oferta de produtos ligados à identidade. Com quanto mais frequência se troca de identidade, tanto mais se impulsiona a produção. A sociedade disciplinar industrial depende de uma identidade firme e imutável, enquanto que a sociedade do desempenho não industrial necessita de uma pessoa flexível, para poder aumentar a produção. (Han, 2017, p. 97)

O “eu” passa a lidar com as suas características como *assets* a serem disponibilizados no mercado. Esse processo de mercantilização é a alma desse negócio. Mas não é apenas o indivíduo que passa a lidar com as suas características de forma mercantilizada.

Em 2016, de acordo com Srnicek (2017), a Google, o Alibaba e o Facebook detiveram 50% da propaganda do mundo digital. O *Free Basics*, lançado pelo Facebook em parceria com outras empresas (Samsung, Ericsson, MediaTek, Opera Software, Nokia e Qualcomm), é um programa que visava levar internet para países em desenvolvimento e foi testado na Índia, onde criou uma série de debates. Resumidamente, a ideia do programa era oferecer serviços gratuitos, mas todos os outros serviços do país teriam de passar por ele. Segundo Mark Zuckerberg, a “conectividade é um direito humano universal” (Zuckerberg, 2014). O interesse desse tipo de estratégia está na coleta de dados dos usuários. Quanto mais interface o Facebook possuir com outros serviços (como, por exemplo, quando você faz *login* em um determinado site com a senha do Facebook), mais dados ele recolherá e mais dados terá à sua disposição para vender.

Muitas dessas plataformas estão presentes no nosso celular, no qual carregamos parte importante de nossa vida pessoal que se transforma num conjunto de dados. Alguns críticos da internet acusaram empresas como a Google, que coletam informações de seus usuários para vendê-las a empresas de publicidade, como uma tentativa de apropriação do “trabalho livre” ou gratuito dos usuários. Srnicek comenta que, diferente disso, o capitalismo de plataforma seria uma espécie de explosão da ideia de Marx de que toda interação social se torna uma mercadoria ou é mercantilizável nesse tipo de capitalismo – mais uma vez vale lembrar a tese da indústria cultural como um sistema no qual se desdobra o fetichismo da mercadoria.

Seguindo tal trilha, existe também uma importante vereda de pesquisas que analisa os processos de mercantilização do “eu”, isto é, os fenômenos relativos àquilo que se convencionou chamar de “o eu empreendedor” (Bröckling, 2016, p. 12). Esse é um desdobramento subjetivo característico do neoliberalismo, intensificado pelo capitalismo de plataforma. Esse fenômeno demonstra outra faceta da indistinção entre tempo livre e jornada de trabalho promovida pelas exigências impostas aos indivíduos, interpelados a ter altos níveis de desempenho (cf. Han, 2017) e a assumir a responsabilização dos riscos sociais. A incessante cobrança de incremento de “capital humano” (Dardot e Laval, 2016, p. 215) torna impossível distinguir as atividades realizadas como lazer daquelas que trarão algum tipo de benefício vendável no mercado de trabalho. A questão, nesse sentido, traduz-se da seguinte maneira: um curso de línguas configura lazer ou trabalho? As postagens em redes sociais são expressões da personalidade individual ou compõem o portfólio da persona virtual empregável? As melhorias voluntariamente realizadas por usuários em aplicativos diversos são resultado de um cuidado com a comunidade à qual o indivíduo pertence ou são sinais de uma personalidade proativa típica do período neoliberal?

Em suma, tratou-se aqui de destacar algumas análises que permitem pensar a atual fase do capitalismo levando em consideração as interpenetrações entre economia e cultura, processos sociais objetivos e subjetivos. Afinal, o desdobramento da indústria cultural no capitalismo de plataforma, a fusão entre trabalho e diversão nele embutido trazem novos desafios para a teoria social e esse é apenas um pontapé inicial para sua discussão.

## **Referências Bibliográficas**

- ADORNO, T. W. Televisão e formação. *In: Educação e emancipação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.
- \_\_\_\_\_. Radio Physiognomic. *In: Current of music*. Cambridge: Polity Press, 2006, p. 41-132.
- \_\_\_\_\_. Tempo Livre. *In: Indústria cultural e Sociedade*. São Paulo, Paz e Terra, 2002.
- ADORNO, T. W. e Dirks, W. . Betriebsklima: eine industriesoziologische Untersuchung aus dem Ruhrgebiet. *In: Frankfurter Beiträge zur Soziologie*. (Band 3). Hamburg, Europäische Verlagsanstalt, 1955.
- ADORNO, T. W. e Horkheimer, M. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- ANTUNES, R. e Braga, R. *Infoproletários – Degradação real do trabalho virtual*. São Paulo, Boitempo, 2009.
- ARONOWITZ, S. *The Death and Life of American Labor: Toward a New Workers' Movement*. London/New York, Verso, 2014.
- BARBROOK, R. and Cameron, A. The Californian Ideology. *Science as Culture* 6.1, 1996, pp. 44-72.
- BAUDRILLARD, J. *Simulacros e Simulação*. Lisboa, Relógio D'água, 1981.
- BENJAMIN, W. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre, Zouk, 2012.
- BICKERTON, E. Culture after google. *New Left Review*, 92, março/abril, 2015.
- BRAGA, R. *A Rebelião do precariado: trabalho e neoliberalismo no Sul Global*. São Paulo, Boitempo, 2017.
- BRÖCKLING, U. *The Entrepreneurial Self. Fabricating a New Type of Subject*. London, SAGE Publications, 2016.
- BRUNO, F. *Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade*. Porto Alegre, Sulina, 2013.
- CASTEL, R. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do trabalho*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1998.
- CHENEY-LIPPOLD, J. *We are data: algorithms and the making of our digital selves*. New York: New York University Press, 2017

- COLEMAN, G. *Hacker, hoaxer, whistleblower, spy: the many faces of Anonymous*. London; Brooklyn, NY, Verso, 2014.
- COOK, D. Reassessing the culture industry. In: Harvis, S. (Ed.). *Theodor W. Adorno. Critical Evaluations in Cultural Theory*. London/New York, Routledge, 2007, (Vol. 2).
- DARDOT, P. e Laval, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo, Boitempo, 2016.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.
- FATTAL, A. Facebook: Corporate Hackers, a Billion Users, and the Geo-Politics of the ‘Social Graph.’ *Anthropological Quarterly*, vol. 85, no. 3, 2012, pp. 927–955. Disponível em: [www.jstor.org/stable/41857277](http://www.jstor.org/stable/41857277). Acesso em 20/07/2018.
- FRÖMMING, U., Köhn, S., Fox, S. e Terry, M. (org). *Digital environments: ethnographic perspectives across global online and offline spaces*. Bielefeld, Transcript Verlag, 2017.
- GARRIDO, M. V. Contesting a Biopolitics of Information and Communications: The Importance of Truth and Surveillance After Snowden. *Surveillance & Society*, 13(2), 2015, pp. 153-167.
- HAN, B. *Sociedade do Cansaço*. Rio de Janeiro, vozes, 2017.
- HARVEY, D. *O Neoliberalismo: história e implicações*. São Paulo, Edições Loyola, 2014.
- JAMESON, F. Reification and Utopia in mass culture. *Social Text*, No. 1, Duke University Press, 1979, pp. 130-148.
- \_\_\_\_\_. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo, Ática, 2004.
- KING, A. Digital privacy: Subverting surveillance. *Nature*, 08/2015, Volume 524, Issue 7566.
- LARSSON, S. A First Line of Defense? Vigilant Surveillance, Participatory Policing, and the Reporting of “Suspicious” Activity. *Surveillance & Society*, 15 (1), 2016, pp. 94-107.
- LASHINSKY, A. *Wild ride: inside Uber's quest for world domination*. New York, New York: Portfolio/Penguin, 2017.
- LIPOVETSKY, G. e Serroy, J. *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.

- MAAR, W. L. A produção da 'sociedade' pela indústria cultural. *Revista Olhar*, ano 2, número 3, Junho, 2002, pp. 1-24.
- MARX, K. *O Capital: Crítica da Economia Política. Livro I: O processo de produção do capital*. São Paulo, Boitempo Editorial, 2013.
- MEZZADRA, S.; Nielson, B. Extraction, logistics, finance: Global crisis and the politics of operations. *Radical Philosophy*, 178, março/abril, 2013.
- MILLER, D. Sterilizing Cyberspace. *New Left Review*, 51, Maio/Junho, 2008.
- OUELLET, M. Cybernetic capitalism and the global information society: From the global panopticon to a 'brand' new world. In: Best, J. and Paterson, M. *Cultural Political Economy*. London, Routledge, 2010.
- ROSSO, S. D.. *O Ardil da flexibilidade: os trabalhadores e a teoria do valor*. São Paulo, Boitempo, 2017.
- SASSEN, S. *Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2016.
- SCHOLZ, T. *Cooperativismo de Plataforma*. São Paulo, Fundação Rosa Luxemburgo; Editora Elefante, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Uberworked and Underpaid. How workers are disrupting the digital economy*. Cambridge, Polity Press, 2017.
- SILVER, B.. *Forças do trabalho: movimentos de trabalhadores e globalização desde 1870*. São Paulo, Boitempo, 2010.
- SMITH, A.. Shared, Collaborative and On Demand: The New Digital Economy. Pew Research Center report, May 2016. Disponível em: <http://www.pewinternet.org/2016/05/19/the-new-digital-economy/>. Acesso em 25/07/2018.
- SOUKUP, C.. *Exploring screen culture via Apple's mobile devices: life through the looking glass*. Maryland, Lexington Books, 2017.
- STANDING, G. *The Precariat*. London, Bloomsbury Academic, 2011.
- STONE, B. *The Upstarts: how Uber, Airbnb, and the killer companies of the new Silicon Valley are changing the world*. New York, Hachette Audio, 2017.
- TAYLOR, A. *The People's Platform: Taking Back Power and Culture in the Digital Age*. London, Fourth State, 2014.
- TOFFLER, A. *A terceira onda*. Rio de Janeiro, Record, 1980.
- TÜRCKE, C. *Hiperativos! Abaixo a cultura do déficit de atenção*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2016.

\_\_\_\_\_. *Sociedade Excitada*. Filosofia da sensação. Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2010.

ZUCKERBERG, M. Is Connectivity a Human Right? 8 de Janeiro de 2014. Disponível em: <<http://newsroom.fb.com/News/693/Mark-Zuckerberg-Is-Connectivity-a-Human-Right>>. Acesso em: 09/08/2018.

WAJCMAN, J. *Pressed for time: the acceleration of life in digital capitalism*. Chicago, The University of Chicago Press, 2015.

\_\_\_\_\_. A vida acelerada do capitalismo digital: entrevista com Judy Wajcman por Rodrigo Russo. São Paulo, *Folha de São Paulo*, 20 de setembro de 2015.